

Miguel Carneiro



**Celebrações zefirianas
(à moda do catecismo)**

Miguel Carneiro

**Celebrações zefirinianas
(à moda do catecismo)**

*Desenho e texto da capa:
Alcides Caminha (Carlos Zéfiro)*

2005

*A minha amada,
doce como mel silvestre,
dedico estes versos.*

*A curva de teus quadris
assemelha-se a um colar,
obra de mãos de artista;
teu umbigo é uma taça redonda,
cheia de vinho perfumado,
teu corpo é um monte de trigo
cercado de lírios;
teus dois seios são como dois filhotes
gêmeos de uma gazela;
.....
Como és bela e graciosa,
ó meu amor, ó minhas delícias.
(In Cântico dos Cânticos, 7, 2-4)*

I

*Sou teu anjo do pau preto
que emerge sorrateiro de entre os lençóis,
de vara tesa,
feito tocha em tição.
Tens a boca travada de volúpia
e a minha tara estampada de tesão.
Sou anjo do pau preto,
fazendo do teu corpo,
minha amada,
templo de minha celebração.
Onde não haja dores,
aborrecimento
ou qualquer traição.
Sou teu anjo do pau preto,
presente entre céu e terra,
em completa suspensão.
Sem amor traído,
buscando somente tua xoxota,
deusa de minha rebelião.*

II

*Chupa, chupa macio,
minha amada,
o meu caralho duro.
Nesta espera de breve futuro
possa eu te penetrar.
Morde, morde devagarinho
a cabeça deste pau
feito fruta da estação,
e extasiada
adormece no território
onde deuses
vivem em clima de profanação.*

III

*Vou buscando teus seios...
Tu,
a loba anacreônica do meu inferno,
amamentando este teu filho
com o mel da celebração.
Vou sugando tuas mamas
em busca de leite
no rubro bico desta paixão.
Vou te chupando assim, amada,
enquanto a tarde agoniza em completa solidão.*

Minha Amada, os meus dedos escalam o teu monte

*Eu te cubro nas auroras
entre o piar dos passarinhos
e o desabrochar do romutã.*

*E teu corpo arde
como uma febre terçã.*

*Toco com carinho
o teu aveludado ninho.
Ancas e coxas se quedam
quando te cubro de manhã.*

*Busco, então,
teu hálito quente
como a chama de um vulcão.*

*E toco novamente os dedos
na moita, nesse monte,
dessa tua perdição.*

*Vou te fazendo encharcar
quando meu pau fica a te futucar
nesse entra-e-sai da foda.*

*E tu nessa coda
adormeces plena*

*ao
gozar.*

Canção tatuada no peito

*Busco nas madrugadas teu corpo quente
e me atraco ao teu porto
como um náufrago da devassidão.
Perco-me entre as curvas sinuosas,
exploro teu curso de navegação.
Arde em meu peito
este amor celebrado
como cânticos de Salomão.*

Leito de cedro do Líbano

*Eu queria, amada,
tua cama perfumada
como a alcova da rainha de Sabá.
E entre aloés, mandrágoras,
tu, então, pudesses cochilar.
Quando o tempo se pronunciará
em que terei de lavrar
o cedro do Líbano,
para cinzelar teu leito,
minha amada,
em meio ao luar?*

Lobo do mar

*Bota teu galeão no meu mar.
Singra as águas claras do meu ser.
Enfuna a tua vela com prazer
sobre o meu oceano.
Esquece os enganos.
O amor é um barco amigo
sem piratas, sem comandantes,
apenas navegando distante
nessa costa de mar.
Pega teus canhões e cala.
Desfralda a tua bandeira
na minha sala.
Aconchega-te para dormir.
Todo dia tem tempestades,
mas apenas a saudade é que bate forte dentro de mim*

Muro das Lamentações

*Eu vou para as ruas quase sem alma,
procurando signos na multidão,
a boca travada de segredos
e a cabeça feito um turbilhão.
Eu não sei por que ando desse jeito,
encontrando mil defeitos
em quem sempre me cobre de carinhos,
me mostra as paisagens.
Eu digo que tudo são bobagens,
todos os rostos são miragens.
E clamo na multidão:
me cante um blue
me toque um blue
me tire deste chão
Neste apartamento
todo de cimento
mil e uma histórias
Já rolaram.
Ô meu amor,
me ensine a ser paciente
diante desse mar.
Me cante um blue
até que possa chorar.*

Estampa de sabonete Eucalol

*Trago na lembrança
uma varanda, um batente e uma esteira.
Aquele menina na tarde preguiçosa
entre romãs e pés de araçás.
A brisa batendo no oitão,
uma calçola de cassa
e o cheiro da tua xoxota
impregnando o ar do sertão.*

Cacete ardente em tarde fria

*A mãe no Cartório entre averbações.
O tempo agasalhado numa caixa de costura
e a bela menina da casa em frente
de seios salientes no corpete de algodão.
Minha mão trêmula naquela tarde
e o céu desabando de trovão.*

Me espere nessa lua cheia, Amor

*Em êxtase veste
a túnica inconsútil do amor
e roça de mansinho os pêlos
na minha face de velho menino,
o teu cheiro exalando em nossos lençóis.
Debruça-te à tarde em ciúmes,
tragando em segredo teu perfume
nesse plenilúnio de abril.
Grávida a lua,
enquanto São Jorge relincha
e um pavão cruza o ar.*

Latifúndio pervertido

*Eu também já tangi manada de éguas em cios
quando possuía meus currais,
desembestado cruzei uma por uma
pelos sertões a dentro,
quando eu era senhor de mil marruás.
Daquelas éguas que cruzei pela vida a fora
hoje pastam em outros umbrais,
tendo um cavaleiro como destino
e uma chibata dura feito um Satanás.
Eu também já fui senhor de terras
cujas extensão se perdia no meu olhar.
De uma hora para a outra
por simples convicção
reneguei para sempre
o latifúndio amoral que herdei de meu pai
e fiquei como todo mundo
com apenas sete palmos de terra
e uma égua baia
que ainda tanjo no meu quintal.*

Enxoval de lembranças

*No mar encapelado de minhas lembranças
busco, então, novamente teu porto
como farol aceso de minha esperança.
E nas noites de tempestades,
quando lá fora o mundo clama por ternura,
recorro então a teu abrigo
e em teus braços alvos
debruço-me em fissura.
Suplico então tua boca rubra
para que teus beijos
domem de vez a minha eterna loucura.*

Nossa Senhora dos Pecados Meus

*Em outubro,
houve tempestades,
e o sol queimava nossos girassóis sem piedade.
Parecia, então, que a casa iria desabar.
Ó Senhora dos Pecados Meus,
não lhe apagues a ternura.
E quando o verão
novamente apontar
deitarei de novo em tua cama,
trazendo de surpresa
um novo sonho
para que tu possas em mim confiar.*

